

A EDUCAÇÃO PARA A RESISTÊNCIA E O PROFESSOR MEDIADOR ESCOLAR

Claudinei Zagui Pareschi¹

Claudinei José Martini²

RESUMO

Este trabalho visa abordar o tema da “Violência na Educação” almejando possibilidades para seu embate na realidade. A máxima “que Auschwitz não se repita” pronunciada várias vezes por Adorno em seus textos e conferências nos motiva a pesquisar mais sobre esta temática, buscando analisar nas diversas situações-problema indícios que levam os alunos e professores a reproduzirem as barbáries de Auschwitz, causando a violência, o ressentimento e o fracasso escolar. Em meio aos aparatos tecnológicos que invadem a escola, na busca por prazeres imediatos e impulsionados pelo consumismo tão difundido pelo capitalismo, os alunos envolvem-se em diversos conflitos que, por não serem mediados geram violência e os impedem de se concentrar nos temas apresentados nas aulas, tão importantes para a formação de um cidadão autônomo e crítico. Assim, parte-se do pressuposto de que a violência presente nas escolas é resultado de vários fatores, dentre eles da apatia dos alunos, do autoritarismo dos professores e do ambiente competitivo gerado na educação como exigência do mercado e das amarras da Indústria Cultural.

Palavras-chave: Violência. Educação. Ressentimento. Indústria Cultural.

INTRODUÇÃO

O tema escolhido “Violência na Educação” é resultado de nossas reflexões na qual, entramos em contato com o pensamento de Adorno e demais pensadores da teoria crítica sobre a educação. A máxima “que Auschwitz não se repita”, que fora pronunciada várias vezes por Adorno em seus textos e conferências, ainda ecoa em nossos ouvidos e nos faz pensar sobre as diversas situações-problema enfrentadas no cotidiano das escolas que levam os alunos e professores a reproduzirem as barbáries de Auschwitz, causando a violência, o ressentimento e o fracasso escolar. Assim, educar para a resistência a esses males é uma tarefa de extrema importância e analisar estas situações procurando alternativas para amenizar estes problemas, baseados nos textos de Adorno, é viável já que seu pensamento ainda se encontra atual com muitas produções e pesquisas nesta área.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. Professor da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. E-mail: claudineizagui@gmail.com.

² Especialista em Ensino de Ciências pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR/Medianeira-PR e Mídias na Educação pela Universidade Federal de São João del Rei – UFSJ. Professor da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. E-mail: neimartini@hotmail.com.

DESENVOLVIMENTO

Adorno, Horkheimer e outros pensadores da teoria crítica lutaram contra uma educação autoritária, pensando em uma educação emancipatória que pudesse atingir a todos para uma consciência verdadeira a fim de resistir aos males que levaram a humanidade a um estado de barbárie. Como professores da rede pública há alguns anos e observadores, vivenciamos na prática alguns problemas que nos podem servir de instrumentos para analisar a relação entre alunos, professores, aquisição de conhecimentos e a violência escolar.

Neste cenário, destaca-se o papel do professor Mediador Escolar, uma nova função instituída pela Resolução SE nº 19 de 12/02/2010 na rede pública de ensino do Estado de São Paulo, que demanda disseminar e articular práticas voltadas à prevenção de conflitos e harmonização no ambiente escolar, bem como a proteção da criança do adolescente e atenção ao patrimônio público, atraindo recentemente resultados positivos para as escolas ditas “prioritárias” devido a seus altos índices de violência.

Acompanhando o trabalho desses professores, podem-se destacar posteriormente suas boas práticas, projetos e ações desenvolvidas para amenizar os conflitos que se tornam cada vez mais comuns em sala de aula e que muitas vezes acabam em violência, ou seja, seu papel é ser mediador de conflitos, preparando os alunos criticamente para resistir aos possíveis males presentes no ambiente escolar.

Também, no cotidiano das escolas, os professores enfrentam problemas de apatia, de falta de atenção e agressividade, sendo frequente na maioria das escolas de Ensino Fundamental I, II e Médio.

Na verdade, tais práticas de violência precisam ser investigadas e compreendidas no contexto em que a hegemonia da indústria cultural reforça progressivamente tanto o enfraquecimento do processo educativo/formativo, no qual a autoconsciência se forma por meio da reflexão sobre a dolorosa sublimação dos desejos que se dá no embate cotidiano da afirmação dos direitos e deveres, quanto a tentativa açada de recuperar o controle da identidade por meio do esfacelamento do outro, ou seja, daquele que não pertence à turma, para fazer uso de uma gíria atual bastante utilizada e bem elucidativa de tal processo (ZUIN, 2011, p. 616-617).

Adorno analisa a educação de sua época na Alemanha a partir dos conceitos de barbárie e emancipação, estando convicto que, depois do que aconteceu em Auschwitz³, a educação precisava ser repensada. Era preciso resgatar nas pessoas a capacidade de autorreflexão crítica, constituindo-se como a principal arma contra a violência causada pela barbárie e pela exploração, a capacidade das pessoas de pensar e de aprender para perceber as causas e o motivo da barbárie. Por esta justificativa, Adorno se propõe a “descobrir porque a humanidade, em vez de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 11).

³ Auschwitz-Birkenau é o nome de um grupo de campos de concentração localizados no sul da Polônia, símbolos do Holocausto perpetrado pelo nazismo. A partir de 1940 o governo alemão comandado por Adolf Hitler construiu vários campos de concentração e um campo de extermínio nesta área, então na Polônia ocupada.

Assim, o papel da educação é impedir a volta de regimes totalitários, como o nazismo e outras experiências maléficas ao ser humano. Nas palavras de Adorno,

O nazismo sobrevive, e continuamos sem saber se o faz apenas como fantasma daquilo que foi tão monstruoso a ponto de não sucumbir a própria morte, ou se a disposição pelo indizível continua presente nos homens bem como nas condições que o cercam. (ADORNO, 2011, p. 29).

Para Adorno, a desbarbarização e a reeducação dos sentidos são os objetivos mais importantes da educação. São necessárias para a nossa sobrevivência, para se evitar a opressão, o preconceito e a tortura presentes na sociedade de seu tempo e também na nossa. O modo como a Indústria Cultural estimula a semiformação propicia um clima favorável ao retorno da barbárie, principalmente dentro dos muros da escola. Por este motivo, essa temática precisa ser tratada com urgência, para o que aconteceu em Auschwitz não se repita.

De fato, cada vez que uma atrocidade era praticada nos campos de concentração, quer seja na forma humilhante de violência simbólica, quer seja no assassinato e nas mutilações dos corpos de judeus, ciganos, intelectuais, homossexuais, etc., negava-se qualquer possibilidade de humanização fundamentada em alicerces culturais, cujas bases não se revelaram, com o passar do tempo, tão firmes assim. Ou seja, o fato de determinados indivíduos serem considerados cultos, em virtude da facilidade de apreensão de certos conteúdos, não significava necessariamente que fossem mais humanos, haja vista o famoso exemplo dos oficiais nazistas de Auschwitz que matavam os prisioneiros ao som de música clássica (ZUIN, 2011, p. 608).

Há muito tempo que os professores vêm lutando por melhores condições de trabalho. Vemos escolas precárias, ambientes que não suprem mais as necessidades educacionais dos alunos, salas superlotadas, *bullying*, *ciberbullying*, violência nas escolas envolvendo alunos, professores e funcionários. Tudo isso reflete na falta de interesse por parte dos alunos que não veem atratividade nas disciplinas e por isso não aproveitam o tempo escolar de maneira satisfatória.

O professor, cada dia mais desvalorizado, também sai prejudicado neste processo, pois, recai sobre ele a responsabilidade pela má formação do aluno, ocasionando um desânimo pela situação que enfrenta e que, por sua vez, não investe de maneira adequada em sua formação, conjecturando em seu desinteresse com os alunos.

Em “Educação após Auschwitz”, Adorno frisa a importância de se educar os jovens para que a barbárie presente em Auschwitz não se repita, refletindo o processo de desumanização entre homens e mulheres, sendo impedida a produção e formação de opiniões e, como consequência a elevada violência ao patamar de poder, degradando a espécie humana. Deve-se combater na escola a educação pela dureza que, segundo Adorno, prejudica a convivência com as pessoas.

Outro aspecto que precisa ser evitado na escola é o princípio da competição, que, se bem orientada enquanto estímulo pode ser um instrumental pedagógico eficaz, porém, do modo em que se apresenta nas escolas, torna-se um instrumental de reprodução do ambiente competitivo do sistema

capitalista tornando os homens inimigos uns dos outros, pois visa o domínio pelos mais fortes, mais ricos, mais cultos, uma expressão da barbárie. Assim diz Adorno:

Qualquer debate acerca das metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. Ela foi a barbárie contra a qual se dirige toda a educação. Fala-se da ameaça de uma regressão à barbárie. Mas não se trata de uma ameaça, pois Auschwitz foi uma regressão; a barbárie continuará existindo enquanto persistirem no que têm de fundamental as condições que geram essa regressão (ADORNO, 2011, p. 119).

Somente a educação para um mundo que destrua as ideias de Auschwitz e resista bravamente a ele é a garantia de uma emancipação individual. Depois dos horrores das guerras, a educação tem como grande desafio formar indivíduos para a sensibilidade, para a resistência à semiformação a qual foi submetida. Assumindo o risco, Adorno apresenta a sua concepção inicial de educação não como uma modelagem de pessoas, nem como a mera transmissão de conhecimentos, mas a “produção de uma consciência verdadeira. Isto seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política” (ADORNO, 2011, p. 141). Como acrescenta Pucci:

A presença da barbárie ou a perspectiva de seu retorno fez parte do contexto sócio-cultural de Adorno, desde sua experiência do nazi-facismo (1933) até sua morte (1969). Seus textos são um manifesto pungente dessa verdade. A barbárie não é filha bastarda do capitalismo burguês e sim geração permanente das entranhas de seu desenvolvimento (PUCCI, 2000, p. 14).

Relacionando as ideias apresentadas com a realidade escolar, principalmente na relação professor–aluno, pode-se dizer que o professor deve ser formado para combater de maneira eficiente essa realidade alienante e escravizante do capitalismo, entendendo que educar é tornar as pessoas independentes e reflexivas. A Educação precisa resistir criticamente ao processo de semiformação gerado pela Indústria Cultural entendendo que o clima de competição gerado pelo capitalismo está presente também na escola.

Sendo assim, para que se possam trabalhar as diferenças objetivando desenvolver um trabalho multidisciplinar focado no universo do aluno, apontando-lhes alternativas, exemplos e, ainda ouvir os envolvidos no conflito, a presença do professor mediador nas escolas nos dá margem para uma investigação neste sentido.

Dentro da educação há aqueles que defendem a ideia de que modernização e a informatização da escola podem amenizar e até reverter o problema do desinteresse dos alunos e na resolução dos conflitos, tornando a aula mais atrativa e dinâmica, porém, a tecnologia traz consigo o germe da barbárie e da dominação.

A técnica, aliada ao poder, instrumentalizou a razão, tornando os homens cada vez mais dependentes das tecnologias no exercício de suas atividades, transformando o indivíduo em um mero produto a ser explorado pelos capitalistas, causando também a sua semiformação. Esse processo traz

consequências também no ambiente escolar onde o indivíduo perde a sua subjetividade para dar lugar à homogeneização dos pensamentos. A escola como o *locus* da experiência (Erfahrung) e do inconformismo se enaltece como o *locus* do conflito e do consumismo.

As discussões acerca do tema abordado por Adorno merecem destaques no atual cenário da educação no país, que apresenta peculiaridades de usos e costumes diversos em cada região, sendo necessária a análise da conjectura para a aplicação do conhecimento, para não incorrer no autoritarismo e provocar situações conflitantes.

Com o crescimento e com a popularização das novas tecnologias, celulares, *tablets* e *notebooks*, toda a sociedade está sendo modificada. No âmbito cultural e educacional também houve um grande impacto neste sentido. As tecnologias a serviço da classe burguesa geraram muita desigualdade, já que seus benefícios não atingiram os homens como um todo. A educação teve que se adaptar as novas tecnologias, mas de maneira apressada e, muitas vezes, sem os devidos cuidados necessários para a formação cultural do indivíduo. Todo esse processo também causa a semiformação do indivíduo. Assim, Adorno afirma que “a única possibilidade de sobrevivência que resta à cultura é a auto-reflexão crítica sobre a semiformação, em que necessariamente se converteu” (ADORNO, 2010, p. 39).

Em nossa “sociedade excitada”, como bem denunciara TÜRCHÉ (2010), as pessoas encontram-se viciadas nos estímulos audiovisuais impostos pela Indústria Cultural, por exemplo, jovens ao mesmo tempo ouvindo músicas, acessando *e-mails* ou navegando pela Internet em *sites* de busca, entretenimento ou compras virtuais numa espécie de “distração concentrada”.

Na escola não é diferente, ela é uma instituição que reproduz esta realidade alienante e adestradora de comportamentos imposta pela Indústria Cultural. Analisando-se o cotidiano escolar, percebe-se que as crianças e adolescentes dão muita importância ao “princípio de adaptação” gerado por esta indústria e divulgado pelos meios de comunicação de massas. Assim, estão sempre envolvidos com algum tipo de aparelho eletrônico, criando um clima de disputa entre eles mesmos. Isso revela jovens egoístas e consumistas, fruto do capitalismo e da Indústria Cultural. Muitos professores já desistem destes jovens na primeira tentativa e os responsabilizam pelo fracasso escolar criando conflitos e o ressentimento nos alunos.

Para ZUIN (2010, p. 67), os protestos dos alunos em relação a seus mestres adquirem várias tonalidades, sendo formas de revide que habitam a esfera simbólica como, imitações de maneirismos dos professores, pichações e depredação do prédio escolar, manifestando claramente que estes alunos querem ser ouvidos, vistos e percebidos. Todas estas situações podem ser vistas nas redes sociais, onde os alunos postam muitas vezes de dentro do próprio estabelecimento de ensino a qual se encontram. Como foi o caso da aluna de 13 anos que ficou conhecida por postar na sua página do Facebook fotos de situações problemáticas enfrentadas no ambiente escolar, dentre elas, vandalismo e depredação.

Outro exemplo é uma reportagem publicada recentemente no Jornal Cidade de Rio Claro⁴, de alunos que explodiram bombas dentro de uma escola de Rio Claro. Através de denúncias, três alunos foram apontados como suspeitos pela autoria das explosões, todos com 15 anos de idade. Este foi o segundo caso de vandalismo no mesmo dia na cidade. Outra escola teve os vidros da porta de entrada quebrados por um grupo de alunos que foram impedidos de entrar na escola por estarem atrasados. Para Zuin (2008, p. 592):

[...] foi Adorno que, ao empregar o pensamento de Nietzsche à problemática educacional, apontou para uma questão de extrema atualidade: a presença do ressentimento dos alunos em relação àquilo de que são privados. Decididamente, os alunos não se aquietam diante de tais punições, por mais que sejam impingidos direta ou indiretamente a recalcar não apenas o medo e a angústia, como também o ódio em relação a seus professores.

Contudo, o problema se agrava quando envolve violência física entre professores e alunos. Para explicar as razões que fazem com que o aluno ressentido passe da esfera simbólica para a vingança física, Zuin, (2010, p. 67) usa o conceito de Amok⁵. Os alunos ressentidos e guiados pelo desejo de vingança contra seus mestres e colegas tidos como os “preferidos” são capazes de cometer as maiores atrocidades como a morte em série e o suicídio. É por isso que o *bullying*, o *ciberbullying* e outros tipos de violência moral e física são bastante debatidos hoje na escola, pois no fundo teme-se que o que aconteceu em outras instituições de ensino e o que aconteceu em Auschwitz venha a se repetir no momento presente.

Em outra reportagem do portal R7⁶, recentemente, na cidade de Santos, um aluno do 1º ano do ensino médio do Colégio Santa Cecília, tirou o diário de classe da professora de inglês e agrediu a docente quando ela tentou recuperar o material. O adolescente de 15 anos também apagou as notas do diário de classe. O garoto contou que ficou nervoso com a média que tinha recebido e que sua atitude deveria ter sido diferente, mas que quem começou com a agressão foi a professora. “*Há vários dias a professora vem tirando minha nota e dessa vez, ela tirou a nota da minha média e nisso eu fiquei nervoso e peguei a caderneta dela. Eu sei o que eu fiz foi errado, mas nada justifica ela me bater*”, disse o aluno. Os próprios colegas de sala postaram o vídeo da agressão no *YouTube*. Este caso é só mais um dos que vem acontecendo no interior das escolas, alunos e professores se agredindo e estampando as páginas dos jornais.

⁴ Disponível em: <http://jornalcidade.uol.com.br/rioclaro/seguranca/seguranca/95137-Alunos-explodem-bomba-dentro-de-escola-em-Rio-Claro>.

⁵ Amok é uma palavra de origem javanesa que designa as síndromes exóticas e raras de povos primitivos. Lembra também o indivíduo que corria pelas ruas das cidades da Malásia com uma faca e gritando Amok! Amok!, matando indiscriminadamente todos aqueles que cruzassem seu caminho.

⁶ Disponível em : <http://noticias.r7.com/educacao/noticias/aluno-agride-professora-por-nota-baixa-em-santos-20120925.html>.

A escola hoje não deve ser mais uma contribuinte para este sistema de violência e exclusão. É dever do professor investir na formação, no despertar da consciência crítica dos alunos para que possam enfrentar corretamente os problemas cotidianos e estarem prontos para sua emancipação. “A emancipação pressupõe a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento” (PUCCI, 1997, p.16). “Emancipação significa o mesmo que conscientização, racionalidade” (ADORNO, 2011, p. 143). Portanto, a função do professor é desmascarar essa realidade, trabalhando com os alunos este tema, usando as tecnologias a seu favor e não deixando que elas sejam utilizadas contra a educação, para enfim, criar seres pensantes, emancipados e auto-reflexivos, que pensam o social, estando preparados para evitar a nova barbárie que pode surgir a qualquer momento.

Assim, torna-se necessário a discussão de projetos sociais e educacionais voltados à cidadania, a inserção de pais e alunos no contexto escolar, a interação da sociedade com o ambiente escolar aproximando alunos e professores, propiciando a formação de opiniões desde a tenra idade, havendo comprometimento com o processo de orientação e de educação para uma ação de cidadania capaz de afastar as barbáries de uma sociedade estruturada em desigualdades sociais, afirmada nos dizeres de Adorno (2006, p. 155) de que “(...) desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia”.

Entretanto, a formação, na perspectiva adorniana, deve ser compreendida em um sentido mais amplo que a simples educação escolar. A escolarização não é o momento único em que se dá a experiência formativa. O processo de semiformação está em todo lugar permeando o tempo livre dos indivíduos. Deste modo, a busca de uma educação que priorize a experiência crítica-formativa deve ser desenvolvida em todos os espaços para ajudar as pessoas a desenvolverem plenamente suas potencialidades humano-formativas. Neste sentido, a educação é adaptação e autonomia. Adaptação porque precisa partir da realidade do aluno para poder integrá-lo ao meio. Mas, por outro lado precisa ser autonomia, racionalidade, possibilidade de ir além da mera adaptação para que seja possível a produção de uma consciência verdadeira.

Pela cultura de massa o homem se torna subordinado aos ditames da técnica, caindo no conformismo e fragmentando-se em sua subjetividade, dando espaço para o triunfo da razão instrumental. Através da massificação das consciências, o indivíduo se torna ilusório, sem uma identidade, pois tendem a imitar o universal, aquilo que se vê nas novelas, no cinema e nas propagandas, deixando de ser autêntico e se descaracterizando como ser pensante. Quando o homem se submete à lógica ilusória da Indústria Cultural ele perde a experiência, ou seja, a base para a constituição de sua subjetividade. Sem tempo para refletir, para estudar, o homem trabalha cada vez mais para poder adquirir os bens de consumo de maneira desregrada. A monopolização dos bens culturais e sua produção em série facilitaram o acesso da população aos bens de consumo, valorizando o ócio e o lazer,

entretanto, do jeito que o homem consome estes produtos, de maneira acrítica e irrefletida, acaba empobrecendo sua cultura e fortalecendo a dominação, a manipulação e o controle social. Na fala de Fabiano (2003, p. 43): “a cultura, nesse ambiente social industrializado, tem por alvo não o indivíduo ou a construção de sujeitos, mas exatamente a sua objetificação, para reificá-lo no processo de produção”.

ZUIN (2003, p. 142), citando (DEBORD), fez menção a um problema da atual sociedade que atinge também a escola: a conversão da personalidade numa espécie de espetáculo onde o indivíduo nada mais é do que um objeto e não sujeito de suas ações. “O que realmente interessa é a produção de uma imagem que destaque de alguma forma, que faça impressionar seu portador”. Essas imagens permeiam hoje as relações e as crianças e adolescentes “compram” essas imagens e a defendem e a reproduzem no ambiente escolar, pois ganham reconhecimento e notoriedade com elas.

A sociedade que se apresenta como uma imensa acumulação de espetáculos é aquela cuja cultura notabiliza-se pela importância dada às representações que se metamorfoseiam sucedâneos das verdadeiras experiências humanas. São os espetáculos que estão em jogo, ou melhor a necessidade de se sentir e de ser identificado como alguém que se destaca diante dos outros, pois ao mesmo tempo que o indivíduo participa de determinado evento, porta também algum logotipo que denota superioridade frente àqueles que não apresentam tal símbolo (ZUIN, 2003, p. 142).

As alterações de valores sociais estão sendo modificados de acordo com os ditames da mídia e do capitalismo, tal como esse tipo de luta teve elevação de “*status*”, os jogos de videogames sofreram influência, sendo desenvolvidos jogos com altas performances tecnológicas calcadas na violência, tornando as agressões em algo normal no âmbito infante juvenil, refletindo em comportamentos desmedidos contra seus colegas alunos e professores.

Logo, os conflitos escolares são constantes e diversos, com divergências de pensamentos e de modos de aprender e ensinar, posto que muitas vezes não condizem com a nova realidade em que os alunos estão cada vez mais inseridos: a Cibercultura onde os personagens criados não estão inseridos na realidade social do indivíduo. Os alunos se dispersam e deixam de participar das aulas por estarem envolvidos de forma constante com a tecnologia presentes nos aparelhos eletrônicos que carregam para a sala de aula. Numa sociedade imediatista e consumista, o pensar e o refletir são dispensáveis. A autonomia do indivíduo se perde na busca de habilidades e competências técnicas para o mercado de trabalho. A sociedade de consumo exclui os indivíduos que não se encaixam neste padrão e isto reflete no seu comportamento em casa e na escola. A criança e o adolescente buscam a aprovação de seus colegas e tem em mente que se não usar as roupas de determinada marca famosa que se encontra na moda; se não tiver em mãos os aparelhos portáteis e outras coisas mais ofertadas pelo marketing incessante da Indústria Cultural e da Sociedade de consumo, estará fadado ao fracasso.

A possibilidade do fracasso gera no indivíduo um mal-estar e a tendência a inferiorização perante seus “semelhantes”. A sociedade de consumo, com seu poderoso marketing, conduz os

consumidores a se identificarem com as marcas que estão na moda. Bauman (2008, p. 208) entende que, na cultura consumista, a preocupação das pessoas influenciadas pela moda é estar e permanecer sempre a frente da “tendência de estilo” para serem reconhecidas, como se isso fosse sinônimo de sucesso. O sentimento de *pertença* é obtido “por meio da própria identificação metonímica do aspirante com a tendência”, ou seja, o sujeito se identifica com o produto consumido e associa a ele o fato de adquirir sucesso ou não.

Para Bauman (2008):

Estar à frente portando os emblemas das figuras emblemáticas da tendência de estilo escolhido por alguém de fato concederia o reconhecimento e a aceitação desejados, enquanto permanecer à frente é a única forma de tornar tal reconhecimento de “pertença” seguro pelo tempo pretendido – ou seja, solidificar o ato singular de admissão, transformando-o em permissão de residência (por um prazo fixo, porém renovável) (BAUMAN, 2008, p. 108).

Assim, com todos estes questionamentos, percebemos que é preciso repensar a educação em geral baseada nos valores e nos princípios de Adorno, nas reflexões de Bauman e outros. Para que a barbárie presente em Auschwitz não se repita, estratégias e temas devem ser discutidos em sala de aula na escola pública e nas universidades para que os professores possam atrair os alunos para a reflexão crítica, tão necessária para a cidadania. Assim, torna-se essencial a integração da sociedade e a inserção de políticas sociais para propiciar a reflexão e implantação de atividades para reduzir as distâncias entre os alunos e o ambiente escolar como um todo, criando mecanismos de soluções de conflitos através de mediações. Como nas as escolas estaduais ocorrem diversos conflitos, a fim de mediá-los, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, na resolução SE 19/2010, criou a função de Professor Mediador Escolar e Comunitário (PMEC), que, analisando os fatores de vulnerabilidade e de risco em que os alunos se encontram, busca medidas para amenizar e resolver os conflitos na escola, pois ouve, orienta, evita agressões e refaz as amizades dos alunos, sugerindo atividades pedagógicas complementares e culturais, orientando também os pais sobre a importância da família no processo educativo e quanto à procura de serviços de proteção social as quais têm direito.

CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi investigar e analisar os impactos das Grandes Guerras Mundiais na educação assinalada por Adorno em “Educação após Auschwitz”, diagnosticar estes males no cotidiano escolar para poder criar alternativas pedagógicas para combatê-los, preparando os educandos para a resistência e emancipação. A problemática visa analisar de que maneira os mesmos males presentes em Auschwitz ainda estão presentes no ambiente escolar na relação entre alunos, professores, gestores e demais atuantes e como isso é exteriorizado no comportamento dos alunos imersos na cibercultura, em especial nas redes sociais. Para isso, queremos denotar a importância do papel

preventivo do Professor Mediador Escolar na resolução de conflitos e no combate a violência escolar. Para a educação, esta discussão é de extrema importância na medida em que visa trazer elementos para uma análise filosófica consistente acerca dos problemas enfrentados no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. **A Atualidade da Filosofia**. Tradução de Bruno Pucci e Newton Ramos de Oliveira. Piracicaba: PGE/UNIMEP, 2010.

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2006.

_____. **Educação e Emancipação**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

COSTA, Valdelúcia Alves da. Formação de Professores e Educação Inclusiva: Experiências na Escola Pública. In: COSTA Valdelúcia Alves da.; CARVALHO, Mariza Borges Wall B. de.; MIRANDA, Teresinha Guimarães & DAMASCENO, Allan (Orgs). **Políticas Públicas e Produção do Conhecimento em Educação Inclusiva**. Niterói: Intertexto Editora X CAPES, 2011a.

_____. Teoria da Semiformação. Trad. De Newton Ramos de Oliveira. In. PUCCI, ZUIN & LASTÓRIA (orgs.) **Teoria Crítica e Inconformismo: novas perspectivas de pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

DUARTE, Rodrigo. **Teoria crítica da indústria cultural**. Autor único. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.

FABIANO, Luiz Hermenegildo. **Adorno, arte e educação: negócio da arte como negação**. Educ. Soc. [online]. 2003, vol.24, n.83.

PUCCI, B.; ZUIN, Antônio A. Soares; Ramos de Oliveira, Newton. **Adorno: o poder educativo do pensamento crítico - 4ª edição**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____. **A teoria da semicultura e suas contribuições para a teoria crítica da educação (1ª Edição)**. In: Bruno Pucci; Newton Ramos de Oliveira; Antônio Álvaro Soares Zuin (Org.). **A Educação danificada**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **A Escola e a Semiformação mediada pelas novas tecnologias**. In: PUCCI, B. (Org.); ALMEIDA, Jorge de (Org.); LASTÓRIA, Luiz Antônio Calmon Nabuco (Org.). **Experiência formativa & emancipação**. 1ª. ed. São Paulo: Nankin, 2009.

_____. (Org.); ZUIN, Antonio (Org.); OLIVEIRA, Newton Ramos de (Org.). **Dossiê - Adorno e a Educação**. 1. ed. Campinas: Cedes, 2003.

_____. **Filosofia da educação: para que?** Florianópolis: In Revista Perspectiva, 1998. v. 29.

_____. **Filosofia negativa e Educação: Adorno**. Filosofia, sociedade e educação, UNESP - Marília, v. 1, n. 1, p. 163-192, 1997.

_____. **Indústria Cultural e Educação.** In: José Vaidergorn; Luci Mara Bertoni. (Org.). Indústria Cultural e Educação: ensaios, pesquisas, formação. Araraquara, SP: JM Editora Ltda, 2003.

_____. **O riso e o trágico na Indústria Cultural:** a catarse administrada (edição customizada). In: Carvalho, Alonso Bezerra de; Silva, Wilton Carlos Lima da. (Org.). Sociologia da Educação: Leituras e Interpretações. 2ª ed. São Paulo: AVERCAMP, 2009.

_____. (Org.); ZUIN, A. À. S. (Org.); COSTA, Belarmino César da (Org.). **Teoria Crítica e Educação:** a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt (4ª edição). 4ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. Resolução SE 19, de 13 de fevereiro de 2010. Institui o Sistema de Proteção Escolar na rede estadual de ensino de São Paulo e dá providências correlatas. Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/19_10.HTM?Time=1/8/2013%204:38:07%20AM. Acesso em 21 abr. 2016.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação. , Resolução SE 01, de 20 de janeiro de 2011. Dispõe sobre o exercício das atribuições de Professor Mediador Escolar e Comunitário do Sistema de Proteção Escolar e dá providências correlatas. Disponível em: <http://edusp.blog.br/atual/2011/01/28/resolucao-se-1-de-20-1-2011/>. Acesso em: 25 abr. 2016.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação, Resolução SE 18, de 28 de março de 2011. Altera a Resolução SE nº 1, de 20 de janeiro de 2011, que dispõe sobre o exercício das atribuições de Professor Mediador Escolar e Comunitário do Sistema de Proteção Escolar e dá outras providências. Disponível em: http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/18_11.HTM?Time=12/2/2012%204:16:48%20PM

TÜRCKE, C. **Sociedade Excitada:** filosofia da sensação. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2010.

_____. **Pronto-socorro para Adorno:** fragmentos introdutórios à dialética negativa. In ZUIN, A.A.S.; PUCCI, B.; RAMOS-de-OLIVEIRA, N. (Orgs.). Ensaio Frankfortiano. São Paulo: Cortez Editora, 2004.

ZUIN, Antonio A. S. A sociedade do espetáculo e o simulacro de experiência formativa. In: Bruno Pucci; Luiz A.C.N. Lastória; Belarmino C.G. da Costa. (Org.). **Tecnologia, Cultura e Educação... Ainda Auschwitz.** 1ed. São Paulo: Cortez, 2003, v. 1, p. 141-157.

_____. **A educação de Sísifo:** sobre ressentimento, vingança e Amok entre professores e alunos. Educ. Soc., Campinas, vol. 29, n. 103, p. 583-606, maio/ago. 2008.

_____. **Violência e tabu entre professores e alunos:** a internet e a reconfiguração do elo pedagógico. São Paulo: Cortez, 2012.